

Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

NOVAS TECNOLOGIAS E FILOSOFIA - IMPLICAÇÕES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA VIDA HUMANA¹

NEW TECHNOLOGIES AND PHILOSOPHY - IMPLICATIONS OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN HUMAN LIFE

Gabrieli de Camargo², Mateus de Oliveira Fornasier³, Tiago Protti Spinato⁴, Fernanda
Lencina Ribeiro⁵, Gian Eligio Soliman Ruschel⁶

¹ Resumo expandido elaborado para a plataforma sobre Inteligência Artificial sob orientação do professor Dr. Mateus de Oliveira Fornasier.

² Internacionista. Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UNIJUÍ/RS. Bolsista CAPES 2020-2023.

³ Docente no Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIJUÍ/RS. Orientador do projeto.

⁴ Bacharel em Direito e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UNIJUÍ/RS.

⁵ Bacharela em Direito pela UNIJUÍ/RS. Advogada.

⁶ Licenciado em História e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ/RS.

INTRODUÇÃO

A inteligência artificial (IA) se coloca como um dos grandes desafios para a ciência, a ética e toda a intelectualidade atual. Não é problema apenas de ordem científica-tecnológica, porém, se coloca como um objeto-matéria de pensamento e estudo para diversas áreas, justamente devido suas implicações para a área da ética, dos direitos humanos e da própria epistemologia, devendo necessariamente ser tratada de maneira interdisciplinar por seus estudiosos.

Questões pontuais acerca da própria vida humana podem ser levantadas quando trazemos para à discussão a pauta da IA como, por exemplo, ao que tange a epistemologia: “o que é real?”. Quando, de acordo com algumas perspectivas, acreditamos que real seja tudo aquilo que vemos e ouvimos, ou ainda, tudo aquilo que possa ser captado pelos sentidos estamos levantando uma grande questão frente ao desenvolvimento da IA, pois, se simulamos – e dentro das simulações podemos reproduzir elementos sensoriais, seria a simulação parte da realidade?

Frente a isso, questões éticas sobre o sofrimento de quem sente dor, ou mesmo do que é que constitui a humanidade (ontico/epistemológico), acabam sendo pertinentes. Assim pretende-se este trabalho, levantar algumas questões pertinentes que possam ser pensadas a luz da filosofia de acordo com alguns argumentos e pensamentos que já permeiam o mundo científico.

Palavras-chave: ÉTICA; FILOSOFIA; INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL;

Keywords: ETICS; PHILOSOPHY; ARTIFICIAL INTELLIGENCE;

METODOLOGIA

Esse texto foi realizado como um breve ensaio sobre a Inteligência Artificial e suas implicações para



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

algumas áreas nas quais a filosofia pode vir a contribuir, a exemplo da ética e da epistemologia. Nesse sentido realizou-se uma pesquisa bibliográfica visando artigos de periódicos que pudessem elucidar ao leitor algumas facetas da vida humana que são influenciadas pela IA. Também se buscou como base a visão de alguns filósofos já consagrados, como Platão e René Descartes, tendo em vista suas contribuições para os problemas filosóficos nos quais o debate em torno da IA incidem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que hoje compreendemos como Inteligência Artificial ou IA, é considerado aqui como uma nova grande área a ser pensada pela filosofia. Isso se dá, inicialmente, pela compreensão de que a própria IA envolve a ideia da inteligência humana somada à criação tecnológica. Sendo assim, cria-se uma vasta área suscetível a perguntas, de ordem epistêmica, filosófica, política e, acima de tudo, ética. É por dizer respeito à vida humana que deve ser constantemente pensada. A exemplo das atrocidades já realizadas na história em nome da ciência é evidente a necessidade da ética ligada à ciência.

Há algum tempo a IA já traz um impacto positivo em diversas áreas, a exemplo da economia. “[...] o mercado, a indústria e a publicidade tem usado a ideia de ‘inteligência’ para valorizar suas ações e produtos. [...] se apresenta como um ativo com alto potencial de mercado, que movimenta pesquisas, indústrias e economias vultosas (BRAGA; CHAVES, 2019, p. 115). Também é evidente que a ideia de uma IA e de uma simulação perfeita já são pano de fundo de diversas narrativas discursivas e histórias que permeiam a cultura popular, como no filme *The Matrix* (1999) das irmãs Wachowski, por exemplo.

No entanto, por outro lado a ideia da IA – que não deve ser entendida como uma promessa para o futuro, mas sim uma realidade da história presente – gera uma espécie de ambiente distópico, devido as inúmeras especulações que já ocorreram e ainda se faz sobre as implicações da utilização da IA. Por exemplo: existe no imaginário social a ideia de que, “[em] um futuro breve, as máquinas desenvolverão autoconsciência” (BRAGA; CHAVES, 2019, p. 115). Nesse cenário, as máquinas seriam capazes de assumir o controle sobre a humanidade (corpo social), como no filme *The Matrix*? Ou, pensando na perspectiva de que nós existimos independentemente das máquinas, enquanto elas dependem de nós, quais serão as capacidades das máquinas de sobrepujar a vida humana se estivessem sendo controladas por alguém? Ou ainda poderíamos nos perguntar: quem exerceria o controle/vigilância sobre uma tecnologia que é capaz de imitar, simular, e se sobrepor à vida como conhecemos? A atual capacidade de criarmos simulações da vida real também abre espaço para argumentos que podem abalar as certezas quanto ao futuro da vida humana e sua relação com a IA.



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

É sugerido que é possível que já estejamos vivendo numa simulação de computador e também que no futuro, é provável que a nossa civilização alcance um nível tecnológico que seja capaz de criar simulações computadorizadas onde os seres humanos podem eventualmente vir a habitar espaços virtualmente, pois os recursos necessários para manter grandes mundos simulados em rede podem ser relativamente pequenos. Assim, é possível que mentes simuladas sejam indistinguíveis das biológicas, gerando assim, o questionamento de que isso talvez possa já estar ocorrendo – pois não podemos obter certezas de que o que vemos/vivemos não é uma grande simulação orquestrada. (DUPRÉ, 2015 p. 3).

Obviamente pensaríamos que nossas mentes não são simuladas. Que não somos frutos de uma IA. Mas não seria exatamente isso que pensariam mentes simuladas e programadas para entenderem-se como seres autônomas e racionais? Seguindo o Argumento da Simulação (BOSTROM, 2003), obviamente a probabilidade de já estarmos vivendo em uma realidade simulada é bem grande. Estaria estabelecida uma era pós-humanista?

Bostrom (2003) organiza o argumento sugerindo que ao menos uma das seguintes proposições seja verdadeira: a) A espécie humana tem grande probabilidade de ser extinta antes de chegar a um estágio ‘pós-humano’ (simulado) – nesse caso não criaria esse universo de simulação por preferir viver em realidades simuladas alimentando-se de impulsos e sinapses geradas, a exemplo de óculos VR (realidade virtual) e realidade aumentada que já existem; (2) Não seria possível criar um universo habitado por inúmeras mentes simuladas, como quer o argumento da simulação, por uma simples limitação tecnológica; (3) Simulações de universos são possíveis – e então seria muito provável que estivéssemos vivendo em uma realidade simulada (BOSTROM, 2003). Nesse caso dois dos cenários seriam, no mínimo inquietantes, mesmo em um deles não sendo possível atingir a hipótese do Argumento da Simulação.

Esses possíveis cenários nos levariam a uma questão já tradicional na filosofia: O que é real? Esse questionamento já foi realizado por Platão (1996), quando sugeriu na *Alegoria da Caverna* que imaginássemos uma realidade em que pessoas teriam sido colocadas amarradas ao fundo de uma caverna, de modo com que só pudessem enxergar esse mesmo fundo. Passariam suas vidas vendo apenas as sombras que surgiam nessa parede da caverna, advindas de imagens projetadas por pessoas que passassem atrás deles. Poderiam ouvir: mas apenas os ecos das vozes e barulhos reais. Em síntese: tudo que poderia ser acessado através dos sentidos seria uma grande ilusão, cópias imperfeitas das coisas/corpos e de um mundo verdadeiro – fora da caverna. Dessa forma, Platão fazia um alerta para que se duvidasse do que consideramos real, como crenças, opiniões infundadas e o próprio conhecimento

Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

senso comum. (PLATÃO, 1996, p. 317-362).

Outro famoso pensador a considerar um experimento parecido foi René Descartes que queria chamar a atenção em sua obra *Meditações sobre a filosofia primeira* (1651) para a necessidade de reconstruir um conhecimento racional consolidado em bases seguras. Para isso utilizou a chamada *Dúvida metódica* que consistia basicamente em um exercício cético desgastante até o momento em que não se pudesse duvidar. Apesar de buscar uma certeza indubitável e um método universal, essa dúvida proposta por ele também nos faz pensar na temática do real, no sentido do Mito da Caverna ou do Argumento da Simulação, porém com a hipótese do *gênio maligno*. “Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me” (DESCARTES, 1983, p. 5). Nesse caso voltamos ao mesmo problema. Tudo que podemos ver, ouvir e sentir seriam fruto de um mero projeto? Uma simulação? Uma cópia do real?

Descartes, por ter se baseado em Platão (1972) e sua dicotomia entre corpo e alma, ainda pode servir de base para entendermos o corpo humano, suscitando novos meios de explicar a nova perspectiva de homem na realidade contemporânea através também da ideia de IA, como apontam alguns trabalhos nessa área. (ALVIM; FAVRETO, 2011); (MIRANDA, 2013).

A IA também chama atenção no que concerne ao seus usos e limites no campo da ética. “O debate sobre drones tem ganhado fôlego nos Estudos Estratégicos com uma rapidez impressionante. Uma das questões mais importantes diz respeito ao controle e regulação de sistemas cada vez mais inteligentes” (FERREIRA, p. 125, 2014). Essa problemática surge da proposição de que “[a] guerra será revolucionada pelo uso de robôs muito em breve” (FERREIRA, p. 125, 2014), o que fica evidente pelo uso dos chamados sistemas aéreos não-tripulados em operações militares. Ainda assim, “[full] machine autonomy has not yet been used against human targets, but the point has been reached where that possibility has become very real” (BHUTA, et al., 2016, p. 5).

Nesse contexto cabe citar a existência das Leis da Robótica que fala como primeira lei que um robô não pode ferir um ser humano, e nem por omissão deixar que isso ocorra sendo a segunda lei a que um robô deve obedecer as ordens que lhes sejam dadas por seres humanos, exceto se entre em conflito com a segunda lei. Como terceira lei se tem que o robô deve proteger sua própria existência, mas somente quando essa proteção não entrar em conflito com a primeira e a segunda lei. (FERREIRA, 2014, p. 127).

As chamadas Leis da Robótica, apesar de terem origem na ficção científica de Isaac Asimov na

Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

década de 50, hoje são vistas com possíveis usos na vida real e orientam essa questão, mostrando que existem muitas implicações e possibilidades no tocante ao uso dessas tecnologias no presente e no futuro. O terreno fértil para o pensamento da ética filosófica, das ciências sociais e os próprios direitos humanos, podem estar em jogo frente a expansão tecnologia latente, tornando a iminência da substituição do ser humano (automação) em diversos espaços uma alarmante consequência da automação agressiva, podendo existir vários cenários possíveis.

Existem três cenários que normalmente são citados quanto ao futuro, sendo eles o otimista onde a inteligência artificial vai ser benéfica para a sociedade e vai nos ajudar enquanto idealizar um mundo provável, mais justo e onde as pessoas tenham mais bem-viver. Os outros dois cenários são pessimistas e revelam uma tecnologia destrutiva ou uma tecnologia arriscada, onde no primeiro caso a própria IA seria a responsável pela destruição do mundo que conhecemos; e a segunda, a IA seria uma ferramenta pelas quais os humanos podem usar para fins nefastos (TUSSYADIAH, MILLER, 2019, p. 368).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia pode encontrar diversos problemas de ordem epistemológica, ética e até mesmo política se pensarmos sobre as implicações do uso e desenvolvimento da tecnologia, envolvendo robótica e inteligência artificial. Como no decorrer da história a humanidade debruçou-se sobre temas sempre contemporâneos à mirada do futuro, entendemos aqui que existe uma nova área de interesse para a filosofia.

Compreendemos, nesse sentido, quão urgente é o debate acerca da utilização ética das novas tecnologias, pois essas já estão sendo utilizadas nas mais diversas áreas técnicas, decerto dos possíveis cenários futuros que devem ser pensados, sempre levando em conta a questão entorno às categorias éticas que envolvem a humanidade como categoria e espécie terrestre. Ademais,

O computador é tão inteligente que pode até fazer a vítima pensar que está sentada, lendo estas palavras exatas sobre a interessante mas, no fundo, absurda suposição de que existe um cientista do mal que retira o cérebro das pessoas e o coloca em uma cuba de nutrientes” (PUTNAM, 1981 *apud* DUPRÉ, 2015, p. 3).

Desse modo, podemos considerar que os fatos expostos neste trabalho inicial, ainda se demonstram como uma incognita para um *futuro agora*, mas que a discussão se torna bastante necessária e importante, justamente para tentar coibir qualquer avanço ameaçador da tecnologia para com os seres humanos. Mesmo que isso pareça, como antes falado, um grande enredo de películas fantasiosas, o que se aproxima no horizonte pode até mesmo superar os frutos da imaginação humana no nosso entretenimento.

Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, C.; FAVRETO, E. K. Reflexões sobre o conhecimento moderno frente aos avanços científicos e tecnológicos contemporâneos. **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 74-83, 2011. DOI: 10.31977/grirfi.v4i2.505. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/505>. Acesso em 30 set. 2020.

BOSTROM, Nick. Are you living in a computer simulation? **Philosophical Quarterly**, v. 53, n. 211, p. 243-255, 2003. DOI: 10.1111/1467-9213.00309. Disponível em: <https://academic.oup.com/pq/article/53/211/243/1610975>; Acesso em 30 set. 2020.

BRAGA, A. A.; CHAVES, M. A dimensão metafísica da Inteligência Artificial, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, p. 99-120, 2019. DOI: 10.4000/rccs.9150. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/9150>; Acesso em 30 set. 2020.

BHUTA, Nehal et al. (eds.). **Autonomous Weapons Systems: Law, Ethics, Policy**. Cambridge University, 2016.

DUPRÉ, Ben. **50 ideias de filosofia que você precisa conhecer**. Tradução de Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Planeta, 2015.

FERREIRA, T. B. We are not violating the first law of robotics: drones and the limits of artificial intelligence. **Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares**, v. 8, n. 32, p. 125-130, 21 Aug. 2014. Acesso em: 30 set. 2020.

MIRANDA, J. P. O filósofo, o sensível e o inteligível no Fédon. **Griot : Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 115-122, 2013. DOI: 10.31977/grirfi.v7i1.545. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/545>. Acesso em 30 set. 2020.

PLATÃO. **A república**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

_____. **Diálogos**. Traduções de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Souza. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1972.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Studio Nobel, 1992.

TUSSYADIAH, Iis; MILLER, Graham. Perceived impacts of artificial intelligence and responses to positive behaviour change intervention. In: **Information and Communication Technologies in Tourism 2019**. Springer, Cham, 2019. p. 359-370. DOI :10.1007/978-3-030-05940-8_28.